

Onde está Jonas no Quirguistão – uma tentativa de pertencimento em *Kirgistan gibt es nicht*, de Jan Sprenger

Sofia Froehlich Kohl¹

Michael Korfmann²

Resumo: No artigo em questão, propomos uma análise do romance de estreia de Jan Sprenger, *Kirgistan gibt es nicht* – ainda sem tradução para português –, sob a ótica da necessidade de pertencimento, personificada pelo narrador, vinculada ao conceito de *Heimat* (DORN & WAGNER, 2012). Partimos das resenhas propostas pela Revista Cultural *Perlentaucher* (2012), por Vladimir Balzer (2012), para a *Deutschlandfunk Kultur* e Friederike Gösweiner (2013), para a *literaturkritik.de*. Conjugamos a perspectiva dessas três resenhas para sugerir que a jornada de Jonas não seja entendida nem apenas em relação ao seu não-par romântico, Olga, tampouco apenas como mero cenário para discussão histórica do Quirguistão, mas defendemos o pertencimento³ como Leitmotiv de *Kirgistan gibt es nicht*.

Palavras-chave: Jan Sprenger; Leitmotiv; Pertencimento; *Heimat*; Quirguistão.

Zusammenfassung

In diesem Artikel schlagen wir eine Analyse des Debütromans von Jan Sprenger, *Kirgistan gibt es nicht*, aus der Perspektive des Bedürfnisses nach Zugehörigkeit vor, personifiziert im Erzähler, verbunden mit dem Konzept von *Heimat* (DORN & WAGNER, 2012). Wir gehen von den Rezensionen aus, die vom *Perlentaucher Kulturmagazin* (2012), von Vladimir Balzer (2012), für den *Deutschlandfunk Kultur* und Friederike Gösweiner (2013), für die *literaturkritik.de* vorgeschlagen wurden. Wir kombinieren die Perspektive dieser drei Rezensionen und kommen zu dem Schluss, dass die Reise von Jonas nicht nur in Bezug auf seine romantische (nicht) Partnerin Olga oder einfach nur als ein bloßes Szenario für historische Diskussionen in Kirgisistan verstanden werden kann, sondern wir verteidigen die Frage der Zugehörigkeit als Leitmotiv von ‚*Kirgistan gibt es nicht*‘.

Schlüsselwörter: Jan Sprenger; Leitmotiv; Zugehörigkeit; *Heimat*; Kirgistan.

1. Introdução

É possível que estejamos mais abertos quando estamos viajando porque sabemos que em breve esse momento passará. E, porque assim é, tentamos ser mais rápidos do que o tempo que ainda nos resta. Então estamos mais abertos porque estamos mais rápidos. E quando pensamos com mais rapidez, agimos mais rapidamente. E quando somos mais rápidos, dizemos coisas que, se fôssemos mais lentos, não diríamos tão rapidamente (tradução da autora).⁴
Kirgistan gibt es nicht (SPRENGER, 2012)

¹ Bacharelada em tradução Português-Alemão na UFRGS; sofia.fk@hotmail.com.

² Doutor em Literatura Comparada e Professor da UFRGS; michael.korfmann@ufrgs.br

³ Sobre isso, *Le monolinguisme de l'autre*, (DERRIDA, 1996).

⁴ *Möglich, dass man unterwegs offener ist, möglich auch, dass man deshalb offener ist, weil man weiss, dass es schnell wieder vorbei sein wird. Und weil das so ist, versucht man, schneller zu sein als die Zeit, die man noch hat. Man ist also offener, weil man schneller ist. Man denkt schneller, man handelt schneller. Und wenn man schneller ist, sagt man Dinge, die man langsamer wäre, so schnell nicht sagen würde.*

A epígrafe que introduz esse artigo é parte do texto que compõe a contracapa de *Kirgistan gibt es nicht* (sem tradução para português), primeiro romance de Jan Sprenger, lançado em 2012, pela editora Rowohlt. De acordo com as informações que o próprio livro oferece, Sprenger estudou história e filosofia e vive na China desde 2006, onde é diretor de uma unidade do Instituto Goethe.

Logo na contracapa, o livro propõe uma reflexão a cerca do potencial humano de adaptação, levado ao extremo quando se viaja só, que pode culminar em um estado de instabilidade emocional.

Em uma viagem, as pessoas são como detritos marinhos, que podem ser capturados ou levados para qualquer lugar. Ainda há pouco se estava sozinho e, de repente, se está em grupo (traduções do alemão feitas pela autora)⁵.

À medida que o tempo do qual dispomos em viagem é breve, nossas reações têm a tendência de ser mais rápidas – pessoas que, em situações normais da vida, teríamos anos para conhecer e delas gostar/desgostar, nos são apresentadas e desaparecem em questão de dias.

*Eu tinha viajado para encontrá-la, pensei, mas isso era um absurdo, porque ela não estava lá, ela iria desaparecer em breve (...).*⁶

A narração do relato de viagem, reflexiva para além da contracapa, é assumida por Jonas, que encontra outros também trilhando suas trilhas e com os quais estabelece relações como os goles de vodca que irrigam seus relatos: breves, intensos - e geralmente com efeitos colaterais. A história é ambientada na Ásia Central, especialmente no Quirguistão, mas descobrimos, conforme Jonas compartilha seus planos de viagem com os demais viajantes, que o tempo transcorrido nesse país é apenas uma fatia da viagem. O Uzbequistão foi a última parada (antes do atual Quirguistão) de um percurso que se desenrola desde a Alemanha e que tem a China como destino.

⁵ *Auf so eine Reise sind Menschen wie Treibgut, das sich überall verfangen oder mitgenommen werden kann. Gerade war man noch allein, und plötzlich ist man eine Gruppe (S.124).*

⁶ *Ich war gereist, um ihr zu begegnen, dachte ich, aber das war Unsinn, weil sie nicht da war, sie würde gleich verschwinden (...)* (S.34).

Roger consentiu, e eu disse a ele que meu próximo destino era a China, mas que eu não queria acampar lá, e sim passar a noite em um albergue como todo mundo.⁷

O primeiro capítulo é iniciado com o relato de Jonas a respeito de Olga, a primeira personagem que nos é apresentada (já na primeira linha do primeiro capítulo) e que o narrador-viajante conhece em um hostel de Bishkek. Dentre os mais relevantes para a trama, Olga é a única que originalmente pertence ao cenário, tendo em vista que é ucraniana por nascimento. Jonas a transforma, pouco a pouco, em uma obsessão, procurando aproximar-se dela primeiro casualmente e, por fim (esperançoso depois de episódios de correspondência amorosa) quase alucinadamente.

Fiquei pensando que eu não a conhecia, mas isso não significava que eu não queria abraçá-la e tocá-la, talvez eu quisesse abraçá-la e tocá-la justamente porque parecia a melhor maneira de conhecê-la.⁸

Quando Jonas e Olga se deparam com uma barraca à beira do lago Issyk Kul, conhecem Camille e Roger (um casal de franceses que viaja acampando), pelos quais Jonas e Olga são entendidos como par romântico, o que, de certa forma, os torna realmente um casal: “Agora Olga e eu éramos um casal, e um belo casal, ainda por cima”.⁹ Os quatro prosseguem sua viagem em conjunto e se descobrem quase incompatíveis. Enquanto Camille é muito interativa e funciona como amarração do grupo, Roger é distante, passando a maior parte das cenas nadando – dá a impressão de que ele nada preferencialmente para longe da agrupação que sua namorada atraiu. Olga e Roger têm personalidades semelhantes – se distanciam e calam sempre que possível: “Roger não era nenhum parceiro para conversa, ele sempre deixava morrer”.¹⁰ A mudez de Olga, porém, é obrigatoriamente desrespeitada de tanto em tanto, toda vez que é necessário que ela interaja com os locais em nome do grupo, visto ser a única falante de russo entre os quatro.

⁷ Roger nickte, und ich erzählte, dass China mein nächste Ziel sei, ich aber dort nicht zelten, sondern ganz normal in Hostels übernachten wolle (S.41).

⁸ Ich dachte darüber nach, dass ich sie nicht kannte, was aber nicht bedeutete, dass ich sie nicht umarmen und nicht berühren wollte, womöglich wollte ich sie gerade deshalb umarmen und berühren, weil mir das als der beste Weg erschien, sie kennenzulernen (S.33)

⁹ Jetzt waren Olga und ich ein Paar, und ein schönes noch dazu (S.41).

¹⁰ Roger war kein Gesprächspartner, er verschwand im toten Winkel jeder Konversation.

Então, inesperadamente, o motorista começou a falar. Ele só falava com Olga. Camille queria que ela traduzisse tudo, mas Olga não traduziu nada e continuou conversando com o homem.¹¹

Jonas – nem tanto ao céu, nem tanto ao mar – não se preocupa tão somente com ele próprio, mas tampouco compartilha da tentativa constante de Camille de mantê-los todos juntos. Interessa-se quase que restritamente por Olga e se esforça para estar junto dela tanto quanto possível, como se só através dela ele pudesse realmente experienciar o Quirguistão.

Essa tentativa de conexão com o local e com as experiências da viagem é parcialmente quebrada quando Jonas reencontra Uta, uma austríaca que ele conhecera no Uzbequistão, com quem tivera um breve relacionamento amoroso e a quem ele abandonara em uma praia, a caminho do Quirguistão.

Uta então disse algumas frases em inglês, e nessa língua ela era outra, uma Uta desprendida de mim, uma viajante e não mais um fardo. Que eu tinha deixado para trás no Uzbequistão.¹²

Uta se integra ao grupo mesmo essa não sendo a vontade de Jonas, e o que antes eram dois (imperfeitos) pares, passa a ser um par (Roger e Camille) e três pessoas individuais.

2. Análise

Utilizamos três resenhas como base para discussão interpretativa: a da Revista Cultural *Perlentaucher* (2012), a de Vladimir Balzer (2012), para a *Deutschlandfunk Kultur* e a de Friederike Gösweiner (2013), para a *literaturkritik.de*.

No caso da resenha disponibilizada pela *Perlentaucher*, a abordagem escolhida para apresentação do livro prende-se substancialmente aos fatos da narrativa: o encontro e o não-relacionamento entre Jonas e Olga. A existência de Uta é suprimida, e se opta por abordar primordialmente a relação entre Jonas e Olga, de forma a apresentar um nível mais superficial da história. Entendemos aqui que uma análise da problemática geral do livro, que se desprenda da mera narração dos acontecimentos do romance, seja mais adequada – uma vez que os personagens estão mais para *tipos*

¹¹ *Dann fing überraschend der Fahrer an zu reden. Er sprach nur mit Olga. Camille wollte, dass sie alles übersetzte, Olga übersetzte jedoch nichts, sie unterhielt sich mit dem Mann (S.48).*

¹² *Uta sagte dann einige Sätze auf Englisch, und in dieser Sprache war sie eine andere, eine von mir gelöste Uta, eine Reisende und keine Last mehr. Die ich in Usbekistan hinter mir gelassen hatte (S.124).*

(enquanto mochileiros) do que propriamente para indivíduos. Assim, não percebemos como imediatamente aceitável que Uta não tenha status equiparável aos demais personagens, considerando que ela instaura uma situação de conflito bastante relevante para o desfecho: o reaparecimento de Uta tem status para Jonas de uma lembrança imperfeita, parcial da *Heimat*¹³. Uta é o que Jonas tem de mais próximo enquanto pertencimento cultural, mas também não é um encaixe exato, não há identificação a ponto de ele prescindir de uma nova possibilidade de pertencer, agora a esse cenário – para o qual Olga é o caminho. E, dessa maneira, se desenvolve o relacionamento entre Jonas, Olga e Uta: Jonas procurando entender junto à Olga os acontecimentos presentes, enquanto Uta é como uma lembrança latente do que já lhe é familiar, mas que, gradativamente, se torna mais distante.

A segunda resenha, de Balzer, enfatiza os aspectos históricos do romance (tendo em vista sua ambientação no Quirguistão, país ex-membro da URSS) – considerando o passado político e como esse passado influencia a visão do mundo e dos próprios quirguizes sobre o país. Relega, portanto, as interações das personagens principais a segundo plano, quase como se sua existência fosse condicionada à apresentação do cenário. Seria possível pensar aqui em um uso metafórico, individualizado da narrativa para discutir justamente essa falta de respaldo que o Quirguistão e Jonas compartilham. O país, uma vez parte de uma unidade enquanto membro da União Soviética, agora precisa fundar sua própria história, assumir-se – um indício da falta de definição com que o país ainda sofre é a possibilidade de ser referido por vários nomes: além de Quirguistão, também Quirguizistão, Quirguízia e ser, oficialmente, República Quirguiz. Jonas inclusive se depara com alguns habitantes que, por esses motivos, afirmam a inexistência do país, que o entendem como um construto da Ásia Central, como destaca Balzer (2012). Também Jonas, em meio a uma viagem solitária, é impelido a traçar suas rotas e se fazer conhecer.

Já a resenha de Gösweiner contempla, de certa forma, ambas as visões anteriormente expostas: ele comenta a narrativa sobretudo do ponto de vista de sua apresentação – que não teria sido muito bem sucedida, apesar de ser potencialmente interessante. Gösweiner tenta encontrar uma resposta para o que teria sido o Leitmotiv do romance, que parece abordar diversos assuntos, mas não se concentra

¹³ *Heimat* é entendida aqui conforme Dorn & Wagner (2011), que ligam esse conceito a origem (*Herkunft*), ao pertencimento (*Zugehörigkeit*), ao que é familiar desde a infância.

especialmente em nenhum a ponto de esse ou daquele ser o seu cerne. O crítico analisa diferentes facetas da história e conclui que a indiferença (*Gleichgültigkeit*) foi o elemento propulsor que levou Sprenger à escrita. Portanto, se juntarmos as três opiniões, não se trataria de viver uma situação amorosa não correspondida, de estar longe de casa, de os momentos e as pessoas serem efêmeras. A questão é que nada disso importaria, fosse na Alemanha ou no Quirguistão, e que, acima de tudo, essa seria uma marca dessa geração. Talvez uma geração que pode alcançar – quase – tudo, chegar a qualquer parte e para a qual, no fim, resta a indiferença.

Conclusão

Para a construção do enredo, propriamente, Sprenger seleciona sentimentos experienciados quando se está em viagem, já há muito longe de casa e, mais do que fisicamente distante, sobretudo culturalmente. Apresenta seus personagens explicitando a carência humana em um momento de fragilidade, enquanto desprovidos de suporte familiar e em meio a uma cultura para a qual, de certa forma, não foram criados. Em viagens nas quais se lida com mais de um tipo de distância – física, cultural, cronológica –, momentos insignificantes no cotidiano tomam proporções solenes; tudo parece decisivo e irremediável: *„Auf einer Reise verwechselt man gelegentlich einen Tag mit dem Rest des Lebens“* (contracapa).

Apesar de as resenhas que elencamos não terem emitido pareceres tão convidativos à leitura, certamente o livro dispõe de outras características que possam torna-lo interessante. Uma delas é o fato de, propositada (talvez devida sua ligação com ensino de alemão como língua estrangeira) ou despropositadamente, Sprenger lançar mão de uma linguagem comparativamente menos hermética, o que aumenta a atratividade do livro para aqueles procuram melhorar sua proficiência em leitura antes de enfrentar obras consagradas.

REFERÊNCIAS

BALZER, Vladimir. *Kennt eh keiner*: Jan Sprenger: „Kirgistan gibt es nicht“, Rowohlt Berlin, 240 Seiten. 2012. Disponível em: <https://www.deutschlandfunkkultur.de/kennt-eh-keiner.950.de.html?dram:article_id=219323>. Acesso em: 21 nov. 2019.

DERRIDA, Jacques. *Le monolinguisme de l'autre*. Paris: Galilée, 1996.

DORN, Thea; WAGNER, Richard. *Heimat*. S. 233 – 237. In: DORN, Thea; WAGNER, Richard. **Die deutsche Seele**. Munique: Knaus Verlag, 2012.

GÖSWEINER, Friederike. **Durch's fade Kirgistan: Jan Sprengers Debüt „Kirgistan gibt es nicht“ über eine Generation, die sich vor allem durch eine fundamentale Gleichgültigkeit auszeichnet, überzeugt leider nicht**. Disponível em: <<https://literaturkritik.de/id/17545>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

PERLENTAUCHER: Das Kulturmagazin. **Buchautor: Jan Sprenger. Kirgistan gibt es nicht**. Disponível em: <<https://www.perlentaucher.de/buch/jan-sprenger/kirgistan-gibt-es-nicht.html>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

SPRENGER, Jan. **Kirgistan gibt es nicht**. Berlin: Rowohlt, 2012.